

S E R M A M

DO GLORIOSO SANTO ANTONIO

P R E G A D O

Em o seu Convento da Cidade do Rio de Janeiro,
em o mesmo dia a 13. de Junho, occorrendo a
Dominga da Trindade. Era de 1683.

Pelo PADRE FR. AUGUSTINHO DA CONCEIÇÃO,
Lente de Sagrada Theologia, filho menor da Recoleta da
Regular Observancia de S. Francisco, Custodio actual,
& de presente Provincial da Provincia da Immacu-
lada Conceição, em o mesmo Estado do Brasil.

D E D I C A D O

A O ILLUSTRISSIMO SENHOR

D. JOSEPH DE BARROS DE ALARCAM,

Dignissimo Bispo da Cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro,
em o Estado do Brasil, do Concelho de Sua Mage-
stade, & Deputado do Santo Officio.

*Precederão dexe dias de Ladainhas, & Practicas do mesmo Santo, com assistencia em to-
elles do mesmo Senhor Bispo, dando Ordens no mesmo Convento em o duodecimo dia, &
nel' offerrou de esmola a cera com que se celebrass o dia do Santo,
com o Santissimo Sacramento exposto.*



L I S B O A.

Na Officina de MIGUEL MANESCAL,
Impressor do Santo Officio. M. DC. LXXXVIII.

Com todas as licenças necessarias.

S E R M A M
D O G I O R I O S O
S A N T O A N T O N I O

F E R R E I R A
I m o f u C o n v e n t o d a C i d a d e d o R i o d e J a n e i r o s
c o m p o z i t o d e J o s e F e r r e i r a o c c u r r e n d o e n
D o s a n t a d a S e n t a d e 1 7 5 3 .

P o r P A D R E F R A N C I S C O J O S E F E R R E I R A
L e i t a n t e d e S e r m o e s d e S a n t o A n t o n i o e m
R e s p o n d e r e m d e s p a r t e d e S a n t o A n t o n i o
e d e p e r t e n e n c i a d a P r o v i n c i a d e S a n t a
C r u z e m e m o m e n t o d e S e n t a d e 1 7 5 3 .

D E A D I C A D O
A O S S E R M O E S
D J O S E F E R R E I R A
D E A L A R C A M


D i s t i n g u i d o B i a n o d a C i d a d e d e S e n t a d e d o R i o d e J a n e i r o s
e m o m e n t o d e S e n t a d e d e S a n t a d e 1 7 5 3 .
I m p r e s s o e m S a n t a d e d e S a n t o O s t i a n o
e m o m e n t o d e S e n t a d e d e S a n t a d e 1 7 5 3 .
I m p r e s s o e m S a n t a d e d e S a n t o O s t i a n o
e m o m e n t o d e S e n t a d e d e S a n t a d e 1 7 5 3 .



L I S B O A .
N o O f i c i n a d e M I G U E L M A N E S C A L
I m p r e s s o e m S a n t a O f i c i n a d e S a n t o O s t i a n o
C o m p o z i t o e m S a n t a d e d e S a n t a d e 1 7 5 3 .



DEDICATORIA.



Ventura com que Santo Antonio foi servido trazer a V.S. a esta terra no primeiro dia das fustas Ladainhas, dando a todo este povo o alivio nas esperanças de tão singular prenda, & a toda esta Diocesi a ditta em o logro de tão suspirada dignidade: deu também a este seu Convento, o mais q̄ lhe podia dar, q̄ não foi menos, que a singular, & notoria devoção com q̄ V.S. o ama, o favorece, & com sua dignissima assistencia o authoriza; & particularmente em a solénidade de todos estes treze dias: occasião de que V.S. ouviffe este Sermaõ, q̄ no dia do mesmo São, & ultimo da solénidade prêguei, em o

qual mostrei em S. Antonio como Sol do mundo, poder, sabedoria, & amor.

E como em V.S. por legitimo successor dos Apostolos na dignidade, & prẽdas individuaes da pessoa se achẽ todos estes tres attributos do Sol: o poder, na jurisdicção com que governa: *Quodcunque ligaveris.* A sabedoria, no acerto com que dispõem: *Iustè omnia disponis.* E o amor na cortesia, & benevolência com q̃ a todos se dà a amar: *Recti diligunt te.* Pareceo-me divida dedicallo a V.S. para que com o seu respeito, & debaixo de sua protecção possa fair a luz em gloria de Deos, em louvor de S. Antonio, em obsequio de V.S. & em desempenho de minha obrigação, q̃ como taõ devida às prẽdas de V.S. & singular devoção com q̃ ama esta pobre Provincia, naõ faltará nũca em os Religiosos della o conhecimẽto, nem em mim, como parte mais prendada, a correspondencia, em venerar a V.S. como seu subdito, & Cappellaõ.

Matth. 16

Sap. 12. 11.
35.

Cart. X.
p. 3.

Frey Augustinho da Conceição,



Vox estis lux mundi. Matth. cap. 5.



OM o titulo, & prerogativa de Sol, honrou Christo neste mundo aos seus Discipulos (a meu ver) por duas particulares razões. A primeira, porque com este mesmo titulo, & prerogativa, havia nascido neste mundo para nosso remedio

esse mesmo Senhor: *Orietur vobis Sol justitiæ.* A segunda, Malach. 2.
n. 11. porque tambem a titulo de Sol haõ de resplandecer os Santos, & Justos em o estado beatifico: *Fulgebunt Iusti sicut*

Sol in conspectu Dei. E como a este titulo, & prerogativa, Matth. 12.
n. 43. fosse vinculada a obrigaçã da luz, que esses Discipulos, como Sol, haviaõ de cõmunicar ao mundo: *Luceat lux vestra*

coram hominibus, daqui tomou motivo a Igreja Catholica, Matth. 4.
n. 16. nossa mãy, para cõ este titulo, & prerogativa, honrar tãbem em suas celebridades aos Santos Doutores, que com a luz de sua sabedoria a souberaõ illustrar; & por esta mesma razão, devidamente o faz hoje com particularidade a mesma Igreja ao luzeiro mais crystalino da graça, á luz mais resplandecente do mundo, ao glorioso Santo Antonio, de cuja prégaaõ, virtudes, & doutrina recebeo essa mesma Igreja taõ grande luz, & resplendor, que como obrigada, lhe canta em sua solemnidade o presente Evangelho, em que o acclama, & publica hum Sol verdadeiro do mundo: *Vox estis lux mundi.*

Pela luz deste Sol, com que a Igreja celebra os Sagrados Doutores, & particularmente o faz hoje ao nosso Santo, he em proprio sentido entendida a sabedoria, que por esta ser particularmente attribuida à Segunda pessoa Divina, lhe

Ad Heb. i.
n. 3.
Ionn. I.

chamou o Apostolo, resplendor da gloria: *Qui cum sit splendor gloriæ.* O Evangelista S. João luz verdadeira: *Erat lux vera, quæ illuminat omnem hominem.* E a mesma Igreja abraça este sentido, em celebrar com este Evangelho sómente aos Sagrados Doutores, como a quem particularmente se deve o titulo, & prerogativa de Sol. Em cujo sentido, & propria intelligencia se achão hoje mysteriosamente em o glorioso Santo Antonio as mesmas excellencias em numero, & entidade, que em o Sol. Consta pois o Sol em toda a sua entidade, & extensão de tres cousas, das quaes (cõsiderada cada hũa dellas por sua natural ordem, & disposiçãõ) vem a ser a primeira, a substancia; a segunda, a luz; & a terceira, o calor. Desta substancia do Sol procede a luz, & desta mesma substancia como luz, procede o calor. Na substancia, como productiva, & primeira, he entendido o poder: na luz (como està ditto) a sabedoria: & no calor, he vulgarmente o amor symbolizado. Conforme isto, sendo o nosso Santo verdadeiramente Sol, por Throno de Deos: *Et Thronus ejus sicut Sol.* E Sol verdadeiramente por titulo, & prerogativa, com que a Igreja hoje devidamente o celebra: *Vos estis lux mundi:* em formal discurso descubriremos hoje nas maravilhas de suas obras; Poder, Sabedoria, & Amor. Poder, symbolizado na substancia de Sol: Sabedoria, entẽdida na luz: & Amor, no calor propriamente representado. Entremos ao discurso.

Psal. 88,
v. 38.

Como verdadeiro Sol da Igreja, discorre o nosso Santo o mundo todo, sendo taõ admiravel o poder, que ostentou em as maravilhas que obrava, que confuso o pagaõ; redusido o Herege, & admirado o Christaõ, se a Fê naõ conheçera ao verdadeiro Deos, que confessa, era efficaz o poder, que o Sãto ostentava em tantos prodigios, & maravilhas, para o cõstituir na estimaçãõ dos homens, hum Deos de todo o mundo.

Ecclesia in
Officio S.
Crucis.

Ad sunt prodigia divina in virga Moysi, diz a Igreja Catholica, admirando as maravilhas de Moyses em o Egypto,
como

como a divinas; & creyo eu, que por taes as devia admirar tambem todo aquelle povo, que as experimentou, assim Hebreo, como Egyptio. Porque como a conversão das agoas em sangue, a invasão infinita das moscas, & rãas, a furia irreparavel dos ventos, a confusão tenebrosa das escuridades, foraõ tudo prodigios obrados fóra de todo o curso ordinario da natureza; admirados, claro està, que haviaõ de ser por sobrenaturaes, & divinos. O que a Igreja, supposto isto, nesses prodigios admira, he serem obrados, como foraõ, pela vara de Moyles: *Adsunt prodigia divina in virga Moyfi*. O que eu porèm nelles admiro, não he isto, não; he sim, que o poder, & virtude, que essa vara ostentava, nesses prodigios lhe proviesse da mão de Moyfes, em que estava: *Virgam quoque sume in manu*. E que fosse a mão de Moyfes poderosa para obrar em todo aquelle Reyno todos estes prodigios, & admirações! *Omnia quæ posui in manu tua facies coram Pharaone*. Funda-se a minha admiração, em que todos estes prodigios, como sobrenaturaes, & divinos, tinhaõ sómente sujeição obediencial ao poder de Deos, & não ao de creatura algũa. E conforme isto; reparo assim. Se estes prodigios, como sobrenaturaes, & divinos, eraõ sómente da Omnipotencia Divina objecto; porque raaõ haviaõ de ser, como foraõ, obrados pela mão, & imperio de hum homem como Moyfes? Porque raaõ se havia de ostentar Moyfes hũ Deos na operação de tantos prodigios, & maravilhas? Porque? porque o mesmo Senhor dos altos Ceos, que o havia enviado áquella empresa, o havia feito Deos de todo aquelle Reyno do Egypto: *Constitui te Deum Pharaonis*. E que estava intitulado, & conhecido por Deos de todo aquelle Reyno, convinha muito, que nelle obrasse taes maravilhas, & prodigios, que na estimação dos homens fosse tambem tido, & reputado por hum Deos.

Exod. 8.

Exod. 4.
n. 21.Exod. 7.
n. 1.

Saibamos porèm o motivo, que Deos teve, para fazer a hum homem como Moyfes, Deos de todo aquelle Reyno; que o elegeffe para aquella empresa, porque o conheceo effi-

caz para o ministerio: *Novi te ex nomine*, estava bem; porém não bastava, que para esse ministerio entrasse Moyses naquella Reyno com o titulo de Embayxador seu? *Deus patrum vestrorum misit me ad vos?* Não bastava, que entrasse com o titulo de Ministro, de Governador, & ainda de Redemptor de todo aquelle povo cattivo? Necessariamente havia de entrar, como entrou, com a opiniaõ, & titulo de Deos? Sim. E assim parece que convinha, tanto a Moyses, como ao Senhor, que com a reputaçã de Deos o havia enviado. Porque difficultrando Moyses a empresa desta missãõ, & manifestando-se ao mesmo Senhor, que o enviava impossibilitado, & sem merecimento para o cargo: *Quis sum ego ut vadam ad Pharaonem?* Lhe respondeo o mesmo Senhor. Vai Moyses, & não recees nada, porq̃ eu me obrigo a acompanharte, & a estar contigo em tua companhia: *Vade, & ego ero tecum*. E como Deos se havia obrigado a estar com Moyses em sua companhia naquella missãõ, esta primeira obrigaçãõ, foi a que o constrangeo à segunda, de lhe dar em todo aquelle Reyno o titulo, & estimaçãõ de Deos. E assim parece que convinha, porque hũ homem, que havia de chegar a ter consigo em sua companhia ao mesmo Deos verdadeiro, importava que obrasse taes maravilhas, & prodigios, que esses mesmos lhe confirmassem na estimaçãõ dos homẽs o titulo, & estimaçãõ de Deos: *Constitui te Deum Pharaonis*: Se a assistẽcia, pois, de Deos com Moyses, foi a q̃ motivou ao mesmo Senhor a darlhe o titulo, & prerogativa de Deos, para que como tal fosse, como foi, venerado, & conhecido de todo aquelle povo; quanto mayor rafaõ ha, para que este mesmo titulo, & prerogativa se venere, & conheça em Antonio Santo glorioso, pois chegou a ter consigo em amorosa uniaõ, & companhia ao mesmo Deos, não invisivel, & em virtude, & potencia sómente, como Moyses, mas em propria Pessoa em suas dignissimas mãos visivelmente collocado. E quem chegou a ter tanto da sua mãõ ao mesmo Deos, que muito era, que não em hum só Reyno, como

Moyfes,

Moyfes, mas em o mundo todo, em Reynos estranhos, em nações diversas obrasse tantos, & taõ admiraveis prodigios, que o Gentio, o Herege, o Christaõ, o irracional, o insensivel, a terra, o mar, & ainda o mesmo Ceo: *Cali, terra, marium benedicant Dominum cuncta creaturae*, o conhecessẽ, & venerassem como a verdadeiro Sol, por hum Vice-Deos de todo o mundo.

D. Bonav.

Ao Sol tributáraõ aquelles primeiros Gitanos Idolatras adorações, & culto de verdadeiro Deos, porque vendo-o em hum curso continuo, pròvido em remediar ao universo, poderoso em animar, & dar vida aos viventes, & naõ menos cuidadoso em afermosear o mundo todo com resplandores: aonde experimentavaõ raes attributos, ahi julgavaõ haver certamente omnipotencia, & divindade. Erráraõ porém como Idolatras na figura, consagrandolhe aquelle mesmo culto, que sómente se devia ao figurado. Se estes Idolatras, veneráraõ ao Sol, naõ como a verdadeiro Deos, como o adoravaõ, mas como a figura sua, isso mesmo admite, & observa a Theologia Christãa, venerando a este soberano Planeta, como a simbolo, & geroglyfico do mesmo Deos: *Sol à Theologicis nostrae pietatis interpretibus, Dei hieroglyphicũ perhibetur*. E conforme a isso, sendo o Sol, como he, o geroglyfico de Deos, & sendo Santo Antonio, como he, no poder de suas maravilhas hum Sol verdadeiro do mundo, que he o que se segue? Senãõ serlhe devido em o mundo por duas razões o culto, & estimaçãõ de hum Vice-Deos, huma pela intima companhia, & assistencia, que chegou a lograr do mesmo Deos; outra por ser como verdadeiro Sol, que he hum geroglyfico, & figura do mesmo Deos.

Fonseca de
amore Dei
1 p. c. 19,
fol. 600.Hector
Pinto com-
ment. in
Daniel c.
3. fol. 88.

O Sol, disse o Santo Rey David, que creara Deos, & lhe entregara o poder de todo o mundo: *Qui fecit Solem in potestatem diei*: Pois o poder do mundo naõ he certo, que sómente pertence a Deos, como attributo de sua Divina Essencia? Assim he, que assim o disse o Apostolo: *Beatus, & Solus potens*. Porém com isso está, que o podia comunicar a

Pf. 135.
n. 8.Ad Ti-
moth 2.c.
6. v. 15.

algũa creatura. E de facto diz o Santo Rey David, que o fez Deos ao Sol: *Qui fecit Solem in potestatem diei*. E a razão q̄ Deos teve para o fazer, foi; porque naõ obstante que o animar, o inspirar, o dar vida, & o conservar as creaturas do mundo pertença sómente a Deos, como Author da natureza; vendo o mesmo Deos, que havia creado hũa creatura taõ bella como o Sol: *Et vidit Deus quòd esset bona*, naõ se fatis faz, naõ, com lhe entregar o poder, & dominio, que outra qualquer creatura poderia administrar, fez lhe mercedim, & entregoulhe como a tal, o poder, & governo do mundo, para que assim constituido como Sol em este senhorio, & poder, obrasse per si mesmo em o mundo aquillo, que o mesmo Deos como omnipotente por sua propria mãõ devia obrar. E se ao Sol inanimado, & todo material, pela bondade, & excellencia de sua natureza, lhe entregou Deos sobre o mundo este poder; havendo fabricado com poderosa, & liberal mãõ em o quarto Ceo da Serafica Religiaõ, em a sua Igreja, hum Santo Antonio, outro melhor Sol, que aquelle, que minto lhe entregasse nas suas mãos todo este poder? para que nos prodigios, & maravilhas, que havia de obrar em todas essas creaturas do mundo, mostrasse como verdadeiro Sol, que nas suas mãos tinha o poder divino, para obrar em o mundo, tudo aquillo, que o mesmo Deos devia obrar.

Para o fim de sua vida, parece que guardou Christo nosso bem as maravilhas mayores de seu poder, & os extremos mais prodigiosos de seu amor. Na ostentaçaõ delles porèm, advertio curiosamente o Evangelista S. Joaõ, que as obrara o Senhor, tanto que soube, & conheceo, que nas suas mãos lhe tinha entregue o Pay todo o seu poder: *Sciens quia omnia dedit ei Pater in manus*. Pois antes desta hora, antes deste dia, & antes de todo o ser actual do mundo, naõ tinha ja Christo, como Filho de Deos, este conhecimento? Naõ sabia ja, que nas suas mãos, como consubstancial ao Pay, tinha todo o seu poder? Direi: Sim sabia, pois era Deos como o Pay na sciencia, & conhecimento ab eterno: Advertir porèm

Genes. 1.

Genes. 1.

in polio
in drom
ex a q̄ r
1000. 10Hic
Sicut
in
Dicitur
1000. 10Ivan. 13.
u. 3.

1000. 10

rêm o Evangelista, que naquella hora manifestara o Senher, que o sabia, foi; porque como a mayor parte do mundo ignorava nelle a divindade, & o não conheciaõ por Deos: *In mundo erat, & mundus eum non cognovit*; consequentemente lhe havia de negar o poder para obrar maravilhas. E cõforme a isto, para que aquelles mesmos, que o não conheciaõ por Deos, tivessem por verdadeiras, & não supersticiosas todas aquellas maravilhas, que obrava, declaroulhes, & fez lhes a saber, que nas suas mãos tinha todo o poder do Eterno Pay; para que com este defengano, conhecendo elles, q̃ nas suas mãos tinha toda esta authoridade, & poder, não duvidassem, que em tudõ o que fazia, & ordenava, obrava poderoso como Deos. E se o mesmo Christo, para, na estimaçãõ dos homens, dar credito a suas maravilhas, & tirar de escrupulos aos que duvidavaõ se as podia obrar, lhes fez patente que as obrava, & podia obrar, porque nas suas mãos tinha o poder do Eterno Pay; que mais entregou o Padre Eterno nas mãos de Christo seu Filho, do que o mesmo Christo nas mãos de de Santo Antonio entregou? Nada; porque se nessa entrega do Pay entendem os Theologos a natureza divina com todos os seus attributos, communicada pela eterna geraçãõ ao Filho, isto mesmo collocou a mesma Pessoa do Filho humanado nas mãos purissimas de Santo Antonio, para que com esta evidencia taõ manifesta, advertissem, & soubessem os homens do mundo, que se o Santo em seus prodigios, & maravilhas obrava no mundo como Deos, que õ podia fazer, porq̃ nas suas mãos tinha o mesmo Deos com todo o seu poder, como verdadeiro Sol: *In Sole posuit tabernaculum suum: Omnia dedit ei Pater in manus*.

Collocado no quarto Ceo da Igreja o nosso Santo, poderoso, como verdadeiro Sol em suas maravilhas, importava desempenhar-se em a communicaçãõ, que devia fazer ao mundo de sua luz; que effa foi a obrigaçãõ, & encargo, com que Christo nosso bem deu aos seus Discipulos o titulo, & prerogativa de Sol: *Vos estis lux mundi*. Por esta luz (como

Bij obivuo a obrogia esta

Ioan. 8.

D Hilary.
Silo. in E.
v. 12. l. 5.
q. 20. c. 5.
fol 68. m.
121.

Chloris
121.

estã visto) he em proprio sentido entendida a sabedoria, & doutrina Christãa; luz com que Santo Antonio fez patente ao mundo ser nelle hum verdadeiro Sol. A primeira obra da omnipotencia, que pela bondade, & excellencia de sua natureza aos olhos divinos agradou, foi a luz em o primeiro dia creada. E se buscarmos o motivo, que Deos teve para crear, & dar actual ser a taõ bella, & lufida creatura, acharemos, que o motivo, que Deos teve para a crear, foi a penuria, & esterilidade em que a terra estava posta, as trevas, & escuridades, com que o mundo todo estava confundido: *Terra autem erat inanis, & vacua. & tenebrae erant super faciem abyssi, & dixit Deus: fiat lux.* Pois se o extremo de esterilidade, em que Deos vio a terra posta, seo ver o mundo em hũa tenebrosa confusaõ, o motivou a crear para remedio dessa terra, & fermosura deste mundo, hũa creatura taõ bella como a luz. Este mesmo motivo parece que teve Deos na fabrica, & creaçãõ de Santo Antonio; pois no tempo em q̃ o mundo estava mais confundido com heresias, a terra mais esterilizada com insolencias, os homẽs mais estragados em suas vidas, a málícia em as idades mais crescida, & Deos finalmente mais offendido; Entaõ collocou o mesmo Deos em o Ceo da sua Igreja e este Sol, taõ ab andãte de sagradas letras, & Theologia Divina; para q̃ respãdecendo a luz de sua Sabedoria nõvamente em o mundo, chegado a tanta miseria, & confusaõ, o allumiasse, destruindo Seitas, afugentando heresias, confutãdo falsas opiniões, aclarando duvidas, desterrando erros, reprehendendo poderosos tyranos, reduzindo peccadores, reconciliando inimigos, & finalmente para que naõ ficasse sombra no mundo, que a luz deste Sol naõ desterrasse, o levantou Deos aos pulpitos de Roma: *Non sub modio, sed super candelabrum, ut luceat omnibus, qui in domo sunt;* aonde estando presentes ouvintes de diversas nações, de todõs foi igualmente com intelligencia ouvido. Mas se era Sol, que estava communicando sua luz entre sombras, clarõ estã q̃ havia ser de todos os circumstantes cõ intelligencia ouvido.

Chronic.
Menorim
B. p. 1. 5.

Na-

Naquelle Monte de gloria, naquelle Thabor de luzes, a q̄ Christo cõ os tres Discipulos sebia para se lhes manifestar, como manifestou trans figurado, diz o Sagrado Cronista, que apparecêra sobre o monte hũa nuvem, da qual rempêra hũa voz do Pay, em que ordenava aos circunstantes, que todos estivessem com atençaõ, ouvindo a seu amado Filho: *Hic est Filius meus dilectus, ipsum audite.* Pois se Christo em aquelle acto solemnissimo de gloria estava taõ resplandente, & vistoso, como naõ ordena o Eterno Pay aos circunstantes, que todos se empregassem em o ver, senaõ, q̄ todos se applicassem ao ouvir? Direi: Porque neste mesmo acto da Transfiguraçaõ, & eco da voz do Pay, estavaõ os Discipulos ás escuras com a sombras da nuvẽ: *Et ecce nubes lucida obumbravit eos.* Estava Christo como Sol, fazendo ostentaçaõ de sua luz, & resplendor: *Resplenduit facies ejus sicut Sol.* E hum Sol como Christo, na occasiaõ em que estava cõmunicando entre sombras sua luz, pedia a rafaõ, que no que falava fosse de todos os circunstantes, como discreto, & sabio, ouvido. *Ipsum audite:* Estava Santo Antonio como Sol em o pulpito de Roma, communicando a luz da divina palavra aos circunstantes; huns, porque de diversas nações, ás escuras na intelligencia da lingua; outros, porque depravados peccadores, nas sombras de suas culpas escurecidos. Mas como Antonio Santo era luz sobre o candieiro da Igreja levantada; claro está que havia de allumear a todos os que na casa estavaõ: *Vt luceat omnibus qui in domo sunt:* como era Sol, communicando a todo aquelle auditorio a luz de sua sabedoria, & doutrina; claro está, que naõ obstante a sombra das culpas, nem as escuridades na intelligencia do idioma, de todos havia de ser, como verdadeiro Sol ouvido: *Resplenduit facies ejus sicut Sol, ipsum audite.*

Matth. 17.

O que eu mais admiro, & venero em o nçsso Santo como Sol, naõ he o que a luz de sua sabedoria neste mundo obrou; he sim, a continuaçaõ successiva em resplandecer; o comegar a lustrar em o mundo como Sol, & naõ faltar nunca a esse

mundo com sua luz. O mesmo Sol, que Deos para presidente do dia creou, naquella mesmo tempo em que estava obrigado a communicar sua luz ao mundo, faltou com ella, como foi na morte de seu Creador. E antes, & depois disso em outras muitas occasiões, em que, mediante o curso ordinario dos Planetas, se chegou a eclipsar; & em quanto eclipsado faltou com a sua luz ao mundo. Santo Antonio porém, de tal maneira foi Sol, que não foi poderosa a natureza para o chegar a eclipsar em sua luz. Muitos Santos teve a Igreja de Deos, que na luz de suas maravilhas com que resplandecerão em o mundo, mostrãrão com evidencia ser Sol. Todos estes Soes porém, padecendo o eclipse da morte, com que passãrão a resplandecer em outro melhor hemisferio, faltãrão em communicar a este nosso a sua luz: Santo Antonio porém, foi Sol, a quem a morte não foi poderosa para eclipsar, porque não obstante o passar mediante ella, a resplandecer em outro melhor hemisferio, como verdadeiro Sol: *Fulgebunt iusti sicut Sol*; não deixou nunca de resplandecer a sua luz neste mundo, ainda estando, como está em o Ceo.

Duas cousa determinou Deos ao Sol em a sua creação: A primeira foi o lugar, que para sua morada lhe cõsignou: A segunda, o orbe em que havia de resplandecer a sua luz. O lugar que para sua assistencia, & morada lhe cõsignou, foi o Ceo: *Et posuit eum in firmamento Caeli*: O orbe em que havia de resplandecer a sua luz, foi a terra: *Ut luceret super terrã*. Pois se o lugar, & a morada do Sol he o Ceo, não basta que esse Sol resplandeça, & communique sua luz aos mais Planetas, & Astrõs do Ceo aonde está, necessariamente ha de cõmunicar tãbem sua luz à terra? Si, q̃ para satisfazer ás obrigações de Sol, não basta sómente que resplandeça, & communique sua luz em o Ceo aonde está; he necessario tãbem que desse Ceo aonde está, não falte a communicar a sua luz a toda a terra: *Fiant luminaria in firmamento Caeli, ut luceant in firmamento Caeli, & illuminent terram*. Estar no Ceo, & resplandecer sómente no Ceo, isso he assimelhar-

se sómente ao Sol: *Fulgebunt iusti sicut Sol*. Estar no Ceo, & resplandecer tambem em a terra, isso he ser verdadeiramente Sol. E como esta seja a excellencia do Sol, não faltar com a sua luz em a terra, estando de morada, & assistencia no Ceo; quem foi verdadeiro Sol do mundo, senão Santo Antonio? pois passando-o a morte a resplandecer, como está resplandecendo em o Ceo; não faltou nunca a luz de suas maravilhas em a terra como verdadeiro Sol.

Homo Sanctus in sapientia manet sicut Sol, disse o Espirito Santo em o livro do Ecclesiastico. O homem santo ha-se de achar nelle sempre como Sol, a luz, & resplandor de sabedoria. Quem seja este homem santo, não o determina o Espirito Santo. Como este proverbio porém seja enigmatico, & divino (a meu ver) com Santo Antonio fala particularmente, porque São Antonio he o chamado na terra por antonomasia, o Santo: *Homo Sanctus*, que assim lhe chamaõ, não os naturaes, por não encorrer em a objecção de sospeitos, mas, os estranhos de outras nações lhe não sabem outro nome, senão: o Santo: *Homo Sanctus*. Duas cousas expressou aqui o Espirito Santo deste homem Santo de que fala: A primeira, a santidade, *Homo Sanctus*. A segunda, a luz da sabedoria, que nelle se havia de achar sempre como em Sol: *In sapientia manet sicut Sol*. A santidade em primeiro lugar como causa; a luz da sabedoria em segundo, como effeito procedido daquella causa. Dándonos nisto a entender o Espirito Santo, que a santidade era a fonte verdadeira donde a luz da sabedoria dimanava. E que esta luz se não pôde achar, senão aonde houver santidade; & quanto mais qualificada a santidade, tanto mais o seria a luz da sabedoria. E como o nosso conhecimento neste mundo seja posterior, isto he, conhecer as causas pelos effeitos, quiz o Espirito Santo ensinarnos pelas luzes da sabedoria, como effeito, a conhecer a santidade do Sabio, como causa; para que, assim aquelle homem, que na luz de sua sabedoria resplandecesse sempre como Sol, esse fosse o venerado, & conhecido pelo Santo por

Eccles. 27.
n. 12.

antonomasia: *Homo Sanctus*. E se o resplandecer sempre em a luz da sabedoria como Sol, publica, & acclama o homem Santo. Quem na Igreja de Deos resplandeceo nesta vida com mais luzes de maravilhas, como Santo Antonio? Quem sem faltar à communicacão desta luz com a morte, ainda do Ceo, como verdadeiro Sol, está resplandecendo com tantas maravilhas, & prodigios em o mundo? Este he o Santo por antonomasia; este he o que nunca faltou em o mundo com a luz de sua sabedoria como verdadeiro Sol: *Homo Sanctus in sapientia manet sicut Sol.*

Este titulo porém, & esta prerogativa tão singular de Santo por antonomasia, parece que tem hũa grande contradicção, aplicada, & entendida de Santo Antonio; por quanto esta prerogativa sómente pertence, & he attribuida ao mesmo Deos: *Quoniam tu solus Sanctus, tu solus Dominus*, diz a Igreja, só vds Senhor Santo, só vds Senhor, & o mesmo fazião aquelles dous Serafins, que Isaias vio sobre o

Isai 6.º. 3 throno de Deos, acclamando com repetidas vozes: *Sanctus, Sanctus, Dominus Deus*. Pois se a santidade por antonomasia se attribue sómente a Deos: *Tu solus Sanctus*, como se ha de salvar o chamar-se a Santo Antonio por antonomasia o Santo? Vejamos primeiro a qual das Divinas Pessoas he attribuida, & consagrada esta prerogativa de Santo, entã darei a rasoã á difficuldade. Primeiramente o Senhor, que Isaias vio em o throno, louvado dos Serafins com esta prerogativa de Santo, concordão os Expositores, em q̄ era o Filho de Deos na representacão já humanado. E esta mesma Pessoa he a que a Igreja Catholica singularmente venera com este attributo de Santo: *Qui sedes ad dexteram Patris, quoniam tu solus Sanctus*. Pois se a Pessoa Divina, a quem particularmente se tributa esta prerogativa de Santo, he o Filho de Deos humanado, digo que não ha implicancia, senão miura conveniencia a que tambem seja tributada a Santo Antonio como Sol: porque como a luz deste Sol (no que temos assentado) seja a sua sabedoria, & o objecto desta sabedoria

bedoria fosse, como foi o mesmo Filho de Deos humanado; as prerogativas do objecto, em boa Filosofia, todas se lhaõ de achar em sua sciencia. Com o que, sendo como he, attributo, que sómente pertence ao Filho de Deos, Santo por antonomasia: *Tu solus Sanctus*. E sendo o mesmo Filho de Deos o objecto da sabedoria de Santo Antonio, não há impropriedade, antes muita conveniencia, em que Santo Antonio como verdadeiro Sol, seja chamado por antonomasia Santo: *Homo Sanctus in sapientia manet, sicut Sol*.

E se o objecto he aquelle, que se offerce á potencia, para que essa potencia dirija a elle todas as suas operações. Que outra cousa foi, o chegar-se a collocar visivelmente o mesmo Filho de Deos humanado em os braços de Santo Antonio, senão fazernos a saber, que elle mesmo era o objecto adequado da sabedoria do Santo? E como a sciencia em este mundo (ao menos adquirida) dependa dos sentidos corporeos, como órgãos por onde entraõ as especies na alma. E por outra parte, como essa mesma sciencia, nem divinamente possa fahir fóra do seu objecto adequado, collocouse o Filho de Deos humanado em os braços de Santo Antonio, para que os olhos, os ouvidos, o olfato, o tacto, o entendimento, & toda a alma do Santo, não tivesse outra occupação, mais que o contemplar naquelle divino objecto. E se a sciencia, no sentir de Aristoteles torce a sua unidade, a sua especificação, & a sua nobreza, toda do seu objecto, sendo o objecto da sabedoria de Santo Antonio o mesmo Deos, que luz podia ter a Igreja em o mundo mais excellente, mais crystallina, nem mais nobre? Nenhũa. Porque sobre ser a mais nobre, & excellente em razão do seu objecto, pela mesma razão lhe podemos tambem chamar luz, ou sabedoria de Deos. Porque se a Theologia he a mais nobre de todas as sciencias, porque o seu objecto he Deos. E por esta mesma razão se chama tambem Sciencia de Deos: *Theos, id est sermo, seu Sciencia de Deo*; sendo o objecto da sabedoria de Santo Antonio o mesmo Filho de Deos, Sciencia de Deos podemos

tambem chamar á sabedoria de São Antonio. E se esse mesmo Deos humanado, porque havia nascido como Sol, nos fez a saber, que era do mundo a luz: *Ego sum lux mundi*: Tendo a sabedoria de Santo Antonio por objecto ao mesmo Deos humanado, como luz do mundo, como podia deixar de resplandecer Antonio Santo como o Sol, com tanta admiração como resplandecio com a luz de sua sabedoria em o mundo? *Vos estis lux mundi*.

D. Iacob.
E. n. II.

Exod. 16.
p. 1.

Illustrado o mundo com a luz da sabedoria do nosso Santo, & admiradas as creaturas do poder, que em suas maravilhas ostentou, resta ultimamente ver, como também no amor, symbolizado no calor, mostrou ser hum verdadeiro Sol do mundo: *Exortus est Sol cum ardore*. Diz o Apostolo Santiago em a sua Canonica, falando do Sol em seu nascimento, em o qual não só communica ao mundo o resplendor de sua luz, mas tambem o alento, & actividade de seu calor: Com esta differença porém entre o calor, & a luz, que a luz he a primeira, que o Sol ao mundo communica; & o calor pela continuação, & crescimento do dia se experimenta: *Cumque incaluisse Sol, liquefiebat*, diz o Texto Sagrado do Manná, que pelo crescimento do dia, com o calor do Sol se liquidava, & derretia. Sol foi Santo Antonio em seu nascimento: & supposto, que logo na quelles primeiros progressos de seu maravilhoso exordio, o conduzisse o amor á Casa de Maria Santissima, aonde qual outro Sol em o Signo de Virgo, se enayou para fahir a discorrer, & illustrar o mundo, foi todavia necessario renascer em a Religião Illustrissima de Santo Augustinho, aonde animado, qual outro Elefante, á vista do sangue de cinco gloriosos Martyres, buscou como proprio lugar a Cruz, que desejava na Religião dos Serafins, aonde abrazado já aquelle santo coração em amor de Deos, & fervendo já como agoa ao fogo, em desejos de padecer martyrio por aquelle Deos, em cujo amor se abrazava: *Fervet ad martyrium, dum Rex terre fervit*. Passou a Marrocos, porém não quiz Deos concederlhe a morte, que buscava:

cava: Quiz fim, dilatarlhe o curso da vida na sua Igreja, para que o quera. Não quiz que padecesse na realidade a morte cruenta, que emprendia: Quiz fim, que aquelle amor do coração, em que se abrazava, o fizesse padecer sómente no desejo, por ser este o modo mais nóbre, & excellente de morrer. Mas assim havia de ser, porque era Santo Antonio Serafim, & os Serafins, ainda que o amor de Deos, em que se abrazaõ, os incite a padecer, nunca chegaõ a mais, que a mostrar o affecto, & ancia, q̄ tem de padecer pelo seu Deos; nunca chegaõ a mais, que a padecer no desejo.

Aquelles dous Serafins, que o Profeta Isaias vio assistindo, & louvando áquelle Soberano Senhor no Throno Imperial, em que estava, diz o Santo Profeta, que eraõ seis azas a galla com que estavaõ vestidos: Duas em cima, duas no meyo, & duas embaixo; com as duas de cima cobriaõ o rosto, cõ as duas debaixo cobriaõ os pès, & com as duas do meyo voavaõ: *Duabus velabant faciem, duabus velabant pedes, & duabus volabant.* Supposto isto, entremos pelo lugar. Estas azas para dous ministerios sómente parece que deviaõ ser dadas a estes Serafins; ou para voarem, ou para se cobrirem; que para estes dous ministerios sómente deu a natureza as azas ás aves, ou para se cobrirem, ou para voarem, porém com condiçaõ, que em quanto se valessem dellas para voar, não se cobririaõ; & em quanto se valessem dellas para se cobrirem, não poderiaõ voar. Conforme isto: Se estas azas eraõ dadas a estes Serafins para se cobrirem, porque rafaõ cobrindo se com as debaixo, & com as de cima, o não faziaõ tambem com as do meyo? Se lhes eraõ dadas para voar, porque rafaõ voando com as do meyo, o não faziaõ tambem com as debaixo, & de cima? Porque rafaõ se ha de ver encontrado o ministerio das azas nestes Serafins, cobrindo se com hũas, & voando no mesmo tempo com outras? Ditei: Este Senhor, que estava no Throno, era o Filho de Deos humanado, já decretado a padecer. Estes Serafins, que lhe assistiaõ, como eraõ Espiritos abrazados em

amor, vendo ao seu Deos decretado a padecer, abrazavaõse em amor de padecer tambem por elle. E como este amor lhes abrazava o coração, em que estava: *Amor est vivax spiritus residens in pectore*, descobriaõ o peito para desabafar; descobrindo o peito, estendiaõ as azas do meyo; & com ellas estendidas, formavaõ em propria figura huma Cruz: *Duabus medijs expansis, figuram Crucis denotabant*. Com o peito descoberto, & com a Cruz armada mostravaõ o desejo cordial, em que se abrazavaõ de padecer tambem em hũa Cruz como o seu Deos. Mas que importava, que como eraõ Serafims chegavaõ ao extremo, que podiaõ. E não podiaõ chegar a mais, que a padecer, & morrer pelo seu Deos sómente no desejo. Padecendo, & morrendo no desejo sómente, mostravaõ no requinte do amor, que eraõ Serafims: *Seraphim stabant super illud*. Empreheinda Santo Antonio o martyrio, leve-o a Marrocos o cordeal desejo, em q se abrazava de padecer, & morrer pelo seu Deos, que como era Serafim, não quiz Deos, que chegasse a padecer a morte, que empreheinda; quiz sim, desviar-lhe o martyrio cruento, & por-lhe nas mãos hũa Cruz, para que com essa Cruz armada, & com o coração abrazado, & descoberto em o desejo de padecer martyrio pelo seu Deos, ficasse sendo como verdadeiro Serafim, hum martyr sómente no amor, & no desejo: *Fervet ad martyrium, dum Rex terra sevit, sed hoc desiderium, suum non implevit*. Queria Deos tambem na terra ornar a sua Igreja com Serafims, martyres sómente no desejo; & como já havia feito ao Pay martyr no desejo com as chagas, quiz tambem fazer ao filho martyr no amor, & desejo, com a Cruz.

O martyrio não o fez a pena, senão a causa; & por isso Tertuliano chamou martyrio perfeito ao dos tres mancebos do forno de Babylonia: *Ob martyrium sine passione perfectum*. Porque as penas, que se padecem por amor; a morte que por vehemente desejo se padece, esse he o martyrio perfeito, essa he a morte, que ainda parece, que faz ventagens a

Silv. in A-
pocal. l. i.
q. 24. fol.
142. n.
183.

Eccle. fia
in respõs.

Tertul. de
resurreçõ.
corporis
cap. 9.

verdadeira. Hum senaõ descubrio o Gentiõ sentencioso em o martyrio cruento. E he, o naõ se poder mais q̃ hũa só vez padecer; & assim como lhe descubrio, o senaõ, tambem lhe soube apontar o remedio: *Quod non potest fieri saepe, fiat diu, mors eligatur longa.* Visto que a morte se naõ póde padecer mais que hũa vez, padeça-se por muito tempo. Escolha-se hũa morte dilatada. Escolhia Santo Antonio por hũa, a morte do martyrio, q̃ comprehendia; melhor escolha porẽm fez Deos para o seu Sol, dandolhe hũa morte dilatada no padecer. E desviandolhe essa morte instantanea do martyrio, que desejava. Naõ quiz Deos, que aquelle Sol em taõ breve tempo se eclipsasse; quiz sim, dilatarlhe o curso, para que assim como verdadeiro Sol morresse cada dia.

Em o primeiro dia do mundo, diz o Texto do Genesis, que criara Deos a luz: *Fiat lux*; & no quatto a Lua, & o Sol: *Fiant luminaria in firmamento Celi.* Esta luz, & este Sol tiveraõ alguns por duas creaturas distinctas, por serem em distinctos dias cada hũa dellas creadas. Porẽm ó certo he, que naõ foraõ duas diversas creaturas, senaõ que o Sol foi a mesma luz aperfeçoada, & reduzida a esferica figura em o quarto dia da creaçãõ. Isto supposto, levanta-se a duvida. Se no quarto dia fez Deos creaçãõ de nova lua, porque naõ obseuou o mesmo estylo com o Sol? Porque naõ deixou ficar aquella luz do primeiro dia, & creou no quarto com a nova Lua, tambem novo Sol? Direi; porque hũa creatura taõ bella, & agra davel aos olhos divinos, como o era aquella luz, naõ quiz Deos, que em taõ breve tempo acabasse: Quiz sim, que aperfeçoada na figura, continuasse em o seu curso, como verdadeiro Sol. Pois se a reservou para continuar o seu curso como Sol, para que creou juntamente com elle a Lua? Para que? Para que com a presidẽcia quotidiana dessa Lua, morresse cada dia esse Sol: *A Solis ortu usque ad occasum; Oritur Sol, & occidit.* Crear Deos hũa creatura taõ excellente como a luz, foi fazer ostentaçãõ de seu divino poder, & remediar com ella na necessidade em que estava o mundo.

Seneca

D. Bonav.
sequens
D. Dionisium.

Permittir, que tal creatura como esta, em quatro dias á cabasse? Isso não. Ordenar, que alternativamente com a Lua continuasse o seu curso como Sol; isso sim. Para que como verdadeiro Sol, cada dia morresse: *Oritur Sol, & occidit.* Era Santo Antonio Sol do mundo, & hũa obra tão excellente da mão de Deos, como este Sol, hũa luz tão necessaria para o mundo, não quer Deos, não, que com a morte do martyrio, que emprehende, acabe em tão breve tẽpo a vida. Quer sim, que para dar calor, & alento ao mundo, continue no firmamento de sua Igreja em o seu curso, para que como verdadeiro Sol viva padecendo, & morrendo cada dia: *Oritur Sol, & occidit.*

Este mesmo fim desempenhou o amor de Christo na fabrica do divino Sacramẽto da Eucaristia. Pois vendo aquelle Amante Divino, que a morte do martyrio da Cruz, não havia de ser mais que hũa vez: *Mors illi ultra non dominabitur*, instituhio o divino mysterio, para que em desempenho de seu amor, ficasse, como nelle ficou, padecendo, & morrendo cada dia: *Quotiescumque manducabitis panem hunc; mortem Domini annuntiabitis donec veniat.*

1.º Corinth.
11.º. 16.

E se Santo Antonio no amor de Serafim, simbolizado no calor, na sabedoria de Deos, figurada na luz, & no poder das maravilhas, representado na substancia, mostrou ser hum Sol verdadeiro do mundo. Nestes mesmos tres attributos, Poder, Sabedoria, & Amor, fica sendo hum geroglyphico do mysterio santissimo da Trindade, ao Pay, attribuido o Poder: ao Filho, a Sabedoria; & ao Espirito Santo, o Amor: Arca do Testamento chamou ao nosso Santo o Papa Gregorio IX. & acho eu, que he confirmação de tudo o que hoje tenho pregado do Santo; porque a Arca do Testamento, tres cousas sómente encerrava em si: a Vara de Araõ: as Taboas da Ley: & o Mannà. Na Vara, estava representado o Poder: *Virgam quoque summe in manu*: nas Taboas da Ley, a Sabedoria: *Lex sapientis fons vitæ*: & no Mannà, como figura do Sacramento, o Amor. Sendo logo Santo Antonio

Antonio Arca do Testamento por authoridade de hũa suprema cabeça da Igreja, cõ poder, cõ sabedoria, & cõ amor, q̃ outra cousa fica hoje sendo, senaõ hum symbolo do mysterio da Santissima Trindade; & com substancia, luz, & calor; hum verdadeiro Sol de todo o mundo? *Vos estis lux mundi.*

Ultimamente me falta que reparar em o curso presente do nosso Santo, bem que extraordinario em rafaõ do Sol: Em dous cursos satisfaz o Sol material á obrigaçãõ, q̃ Deos lhe encarregou de resplandecer em a terra: Hum se chama curso lento, & outro rapto. O lento aperfeicoa em doze meses, & o rapto em doze horas: *Nonne duodecim sunt horæ diei.* Antonio Santo porèm, como melhor, & mais excellentes Sol, alèm do curso rapto de cada dia, & do lento de cada anno: em cada anno faz de mais a mais outro particular curso em estes precedentes doze dias.

Ionn. 1. 9.

Eximido do cattiveiro do Egypto, & restituído á sua liberdade o povo Hebreo; diz a Sagrada Historia em o livro dos Numeros sette, que por mandado de Deos em doze dias continuos concorria todo aquelle povo a certo lugar com assistencia de offertas, & orações; & a solemnidade a que se dedicavaõ, era á oraçãõ, & santificaçãõ de hum tabernaculo, que Moyzes em figura de Christo, por mandado de Deos tinha levantado, & ungido: *Factum est autem in die, qua complevit Moyses tabernaculum, & erexit illud; unxit, & sanctificavit.* E como naquella antiga Ley, & Testamento Velho, todos os mysterios eraõ figura do que havia de succeder na Ley da Graça, & Novo Testamento de Christo: *Omnia in figura contingebant;* parece que aquelles doze dias de assistencia em o Templo dedicados áquelle santo Tabernaculo, foraõ verdadeira figura dos presentes doze dias de assistencia do devoto povo neste Templo dedicados ao verdadeiro Tabernaculo de Deos Santo Antonio, como verdadeiro Sol: *In Sole posuit Tabernaculum suum: Et Thronus ejus sicut Sol.* Isto supposto, não quero reparar mais que em

Super c. 7.

as mesmas duas cousas, em que a Glossa sobre o mesmo lugar reparou: *Hic describitur primò* (diz a Glossa) *devotio Principum: Secundò. Pontificis officium*. Estas são as duas cousas, em que a Glossa reparou: A devoção de todo aquelle povo na assistencia dos doze dias. E o officio, & assistencia nelles do Pontifice, & vinha a ser o caso, que todo aquelle povo concorria á assistencia da celebridade daquelles doze dias; porèm todos elles se celebravaõ com a assistencia do Pontifice, & Summo Sacerdote Araõ. E isto por duas particulares razões. A primeira, para que authorizados aquelles doze dias com a assistencia do Pontifice, ficasse sendo aquella celebridade solemnißima. A segunda, porque como era ritu, & cerimonia naquelle povo, que as suas deprecações, & orações, fossem pelo Summo Sacerdote apresentadas, & offercidas a Deos; por isso mesmo convinha muito, que aquelles doze dias se celebrassem cõ a assistencia do Summo Sacerdote, para que pelas suas mãos fossem as orações de todo aquelle povo, em aquelles doze dias offercidas, ou ao Santo Tabernaculo, que celebravaõ, ou ao mesmo Deos, que o mandava celebrar. São estes (Catholico auditorio) em propria figura os nossos doze precedentes dias; em os quaes concorrendo a este Templo a devoção, & assistencia de todo este povo, a celebrar aquelle verdadeiro Tabernaculo de Deos, Santo Antonio, foraõ todos elles authorizados com a assistencia do nosso dignißimo Pontifice, do nosso Summo Sacerdote; para que assim authorizada com a sua dignißima assistencia a celebridade, fossem tambem pelas suas mãos apresentadas as orações de todo este povo assistente, ou áquelle verdadeiro Tabernaculo de Deos, Santo Antonio, ou ao mesmo Deos, q̄ cõ elle está, como em proprio, & verdadeiro Tabernaculo.

No duodecimo, ou ultimo dia destes doze, reparou tambem a mesma Glossa em outras duas cousas a respeito desta assistencia do Pontifice, & Summo Sacerdote Araõ. A primeira, em a preparação, que o Pontifice fez de luzernas, ou de

de luzes. A segunda, em os Levitas, que nesse mesmo dia do
 decimo ordenou: *Hic consequenter agitur* (diz a Glosa) *de Sacer. &*
Pontificis officio, & primo quantum ad lucernarum composi-
tionem. Secundo: Quod Levitarum ordinationem. E pa-
 ra que seria esta preparaçaõ de luzes, ou de tochas, que o
 Pontifice fez neste duodecimo dia? Para que? Para a mesa
 da propoziçaõ, que a outro dia se havia de celebrar: *Tertio:*
Quoad Phase celebrationem; hic agitur de mensa propositio-
nis. Aqui estaõ as Ordens dos Levitas, que o nosso dignissi-
 mo Pontifice, hontem, que foi o dia duodecimo celebrou.
 Qui esta a preparaçaõ de luzes, que no mesmo dia fez, em
 a cera, que gratuita, & devotamente offertou para as luzes
 com que hoje se havia de celebrar aquella divina mesa de
 propoziçaõ em o seu Tabernaculo S. Antonio; que por Ta-
 bernaculo verdadeiro de Deos: *In Sole posuit tabernaculum*
suum, fica sendo hum Sol verdadeiro do mundo: *Vos estis*
lux mundi.

Succinto discurso, limitado tempo, & incompetente Ora-
 dor, para concordar as occurrencias de hum taõ grande dia,
 & para applaudir as excellencias de hum taõ grande Santo,
 como Santo Antonio, a quem o mundo todo deve o culto a
 que obriga sua devoçaõ, & veneraçãõ, que corresponde a sua
 grandesa; porque se ao escabello, em que a Magestade Divi-
 na põem seus pès, devemos adorações, porque taõ santo.
Adorate scabellum ejus, quoniam sanctum est. Se a Arca do
 Testamento, porque santissima, se lhe devia tal culto, & ve-
 neraçãõ, que hum Oza, que em certo dia lhe chegou irreve-
 rentemête a encostar a maõ, ficou logo alli morto, em casti-
 go de sua ousadia, & temeridade. Se ao Throno em que o
 mimoso Joaõ vio collocada a Magestade de Deos, lhe tribu-
 tavaõ os vinte & quatro Anciões devidas genuflexões, &
 rendimentos de proprias coroas, porque Throno de Deos?
 Se ao Sol, por ser hum geroglyfico de seu proprio Creador,
 se lhe devia a mesma veneraçãõ, que ao figurado. Vds, An-
 tonio Santo, glorioso lustre da Fè, realçe da Christandade,

...avilha de Deos, credito, & gloria da nação Portugueza?
 Sera fim da Igreja Militante. Vós Santo por antonomasia,
 que fois o escabello, em que o mesmo Deos chegou a pôr seus
 pés? Vós, que por authoridade de huma Suprema Cabeça
 da Igreja, fois a Atca do Testamêto, em que o Divino Moy-
 ses depositou Poder, Sabedoria, & Amor? Vós que fois o
 Throno, em que a Magestade Súprema de Deos, chegou a
 pôr o Tabernaculo de seu Corpo? Vós, que por Throno de
 Deos, & applicação da Igreja, fois o Sol verdadeiro do mun-
 do. Vós finalmente, q̄ nos mesmos tres attributos, seõ q̄ nos
 tendes mostrado ser hum Sol, ficais hoje sendo hum symbo-
 lo do mysterio Santissimo da Trindade? Que reverencia?
 Que culto? E que veneração vós ha de ser devida? Aquella
 mesma, que a Christandade toda vos tributa, & consagra,
 como a Santo Antonio. Pois sendo, como fois, hum Vice-
 Deos nas maravilhas, & prodigios, que cõ o poder de Deos
 nas mãos, estais continuamente obrando em o mundo? Hã
 Sol em remediar universalmente a pequenos, & grandes; a
 bons, a maos, & a todo o mundo; obrigais vontades, rendeis
 animos, & dominais corações; para que todo o mundo em
 geral vos venere, vos conheça, vos busque, & vós ame como
 a Santo Antonio, ou como a Santo por antonomasia, affe-
 gurando na fé, que tem em vossa devoção, & remedio nas
 necessidades, a permanencia nas bonanças, a melhora nas
 vidas, o augmento na graça, que he o penhor da gloria.

Ad quam nos perducet, &c.



LAUS DEO.

...entemte a encollar a mão, não logo ali morto, em casti-
 go de sua outada.
 ...minuto logo vio collocada a Magestade de
 ...tavas os vinte & quatro Anjos de vobas g...
 ...rendimentos de proprias cores, porque T...
 ...Se ao Sol, por ser hum eoglyfico de seu proprio...
 ...de lhe deita a mesma veneração, que se figurava...
 ...col Santo, glorioso indice da fé, restica da Christandade.

LI

LICENÇAS,

Eminentissimo Senhor.

VI este Sermaõ do glorioso Santo Antonio, de que a petiçaõ faz mençaõ, & a meu ver, he muito merecedor da licença que pede, pois sobre naõ conter cousa algũa opposta á Fé, ou bons costumes, he hum Panegyrico solido, & fuzadamente discursado, sublime sem excessõ, grave sem affectaçãõ, claro, & facil sem desalinho. Este he o meu parecer, salvo, &c. neste Collegio dos Dominicos Irlandezes da Corte Real em 13. de Novembro de 1687.

Frey Pedro da Encarnaçãõ Revedor.

Eminentissimo Senhor.

REvi o Sermaõ do glorioso Santo Antonio, que prêgou o P. Frey Augustinho da Conceiçaõ, naõ tem cousa dissonante a nossa Santa Fé, ou bons costumes, antes se faz muito digno da licença que pede, pelo ajustado do assumpto, claresa do estylo, & subtileza do engenho, isto he o que me parece. V. Eminencia ordenarã o que for mais servido. Santo Eloy em 27. de Novembro de 1687.

O Doutor Luis da Annunciaçãõ Louzado.

Vistas as informaçoẽs, pode-se imprimir o Sermaõ de Santo Antonio, de que esta petiçaõ faz mençaõ, & depois de impresso tornarã, para se conferir, & dar licença que corra, & sem ella naõ correrã. Lisboa 2. de Dezembro de 1687.

Ieronymo Soares. Ioaõ da Costa Pimenta. Bento de Beja de Noronha. Pedro de Attaide de Castro Fr. Vicente de Santo Thomas.

POde-se imprimir o Sermaõ de Santo Antonio, de que a petiçaõ faz mençaõ, & depois de impresso tornarã para se conferir, & se dar licença para correr, & sem ella naõ correrã. Lisboa 7. de Janeiro de 1688.

Serraõ.

POde-se imprimir, vistas as licenças do Santo Officio, & Ordinario, & depois de impresso tornarã a esta Mesa, para se conferir, & taxar, & sem isso naõ correrã. Lisboa 13. de Janeiro de 1688.

Lamprea. Marchaõ. Azevedo. Ribeyro.



